

## **TRAGETÓRIA SERTANEJA: CONTRIBUIÇÕES E SUPERAÇÕES DE UMA TRABALHADORA DO CAMPO<sup>1</sup>**

**Mayara Adriana da Silva Maia**

Graduanda de Pedagogia  
Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP

**Maria Isabela Fortunato Silva**

Graduanda de Pedagogia  
Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP

**Mary Carneiro Paiva de Oliveira**

Mestre em Educação – Professora do curso de Pedagogia  
Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP

### **Resumo**

O presente trabalho foi construído na disciplina de Educação do Campo, onde se baseou na produção de um memorial com o propósito de descrever e refletir sobre as histórias de vidas, trazendo na identidade camponesa aspectos das lutas da classe trabalhadora do campo do sertão potiguar. A escolha do sujeito para construção deste, partiu de um consenso das duas pesquisadoras, que optaram por entrevistar uma sertaneja de 82 anos de vida no campo. Para isso, utilizou-se um roteiro com alguns questionamentos orais, configurando-se numa entrevista semiestruturada, realizada na casa da entrevistada, no sítio Caroba, de São Francisco do Oeste/RN. O trabalho nos trouxe a história de vida de uma camponesa, marcada por sua identidade com o lugar onde vive, com suas crenças e cultura, uma vida de luta e desbravamento no sertão nordestino, e ainda, seu processo de escolarização no campo, onde os saberes ultrapassam o espaço escolar.

**Palavras-Chave:** Identidade. Campo. História de Vida. Escolarização.

### **INTRODUÇÃO**

Ultimamente vivemos em um mundo onde as coisas mudam rapidamente, tempo em que as relações se dissolvem rápido, numa sociedade líquida (BAUMAN, 2001), uma vez que estamos rodeados por pessoas que amamos, e que ao mesmo tempo não conhecemos e que por muitas vezes a culpa é de um desses fatores que citamos anteriormente, por isso se torna importante pensar, pesquisar e registrar sobre as histórias de vida, buscando entender como o sujeito contribuiu, e contribui para a vida em sociedade.

Desse modo, sabendo-se da importância do registro de memórias, e que faz-se necessário revisitar o passado para compreender o presente, é que surgiu a ideia deste trabalho, que tem como objetivo registrar e refletir sobre as memórias de uma nordestina, para que não venha se perder no tempo, podendo também inspirar a outras pessoas, e que através das dificuldades e das lutas

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido da disciplina de Educação do Campo, no 3º período do curso de Pedagogia da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar.

superadas por ela, possam contribuir para a vida de outras também, por isso, sobre a importância da memória CERTEAU (1990) nos diz que “o mundo da memória intervém no momento oportuno e produz modificações no espaço, que nos brinda com RECORDAR é VIVER”. Assim, entendemos que é de suma importância revisitar o passado, remexendo em lembranças, que às vezes ficam até mais perto de outras tão atuais, fazendo com que possamos resgatar sensações, emoções e experiências, retomando o passado, e percebendo o presente em outra perspectiva.

Este trabalho foi realizado a partir de estudos dentro e fora de sala de aula, baseados em alguns teóricos como Molina (2012), Caldart (2012), entre outros que fundamentam nossa pesquisa. Os tópicos se encontram divididos de acordo com a sequência da narrativa do nosso sujeito de pesquisa. Primeiro tópico Trajetória da minha infância no campo – que trata das vivências durante a infância; segundo tópico Minha religião, minhas contribuições – evidencia a identidade do sujeito e das contribuições para a sociedade, demonstrando que o campo é feito por identidades que marcam a diversidade dos e nos lugares.

### **TRAJETÓRIA DA MINHA INFÂNCIA NO CAMPO**

Eu era menina e já trabalhava no roçado com meu pai, roçava porque gostava de roçar, as coisas eram difíceis não era como é hoje, que tudo é fácil, eu tenho 8 irmãos contando comigo, sendo 6 homens e 2 mulheres, morávamos no sítio campos município de pereiro, de propriedade de uma viúva, meus pais plantavam pois era o único sustento da casa, a gente plantava algodão, milho, feijão, arroz, plantávamos, e colhia, mas tudo tinha que dá a parte da renda a dona da terra, nos anos ruins de seca a gente passava muita fome, pois era muita gente lá em casa.

A vida rural de fato nunca foi fácil, podemos perceber isso nos relatos de Dona Maria Dias de Queiroz (82 anos), o poder latifundiário sempre prevaleceu desde daquela época, principalmente desvalorizando o trabalho pesado daqueles mais pobres, que trabalhava de sol-a-sol para sustentar suas famílias, e no fim da colheita vê metade de sua renda sendo entregue a mãos não calejadas, pois os latifundiários sempre viam o campo como um espaço de exploração e obtenção de lucros, sem falar que ainda eram castigados pela própria natureza, que em alguns anos não favorecia para uma boa colheita. Sobre os latifúndios Medeiros (2012, p. 445) destaca que “desde os primórdios da história brasileira os menos favorecidos sofriam nas mãos dos latifundiários que faziam uso abusivo do poder para influenciar em obtenção de lucros”.

Percebe-se que a história de Dona Maria se insere na história desse Brasil desigual, que ainda se perpetua nos espaços rurícolas do nosso país, onde a classe trabalhadora do campo continua sendo explorada, e o campo visto como um atraso para a pós-modernidade, luta que deve ser considerada na escola do campo, objetivando formar a intelectualidade das trabalhadoras e trabalhadores do campo.

Na minha infância nós brincávamos muito, eu tinha várias bonecas de pano, que eu mandava fazer, tinha oito bonecas, duas eu troquei por goma lá na farinhada, a senhora de lá, me chamou para trocar e eu troquei. Nós tínhamos como se fosse uma bandinha, eu tocava no berimbau, vinha um monte de gente lá para frente lá de casa e ficávamos dançando.

Mesmo a seca castigando o seu povo, ainda se prevalecia a alegria de criança daquela época. Mas Dona Maria nunca deixou de se preocupar com os problemas de seus pais, chegando a ponto de trocar suas próprias bonecas para se ter comida em casa, especificidade da infância no campo.

Comecei a estudar com 12 anos, e fiz até o quarto ano, estudava com a moça velha nossa patroa a viúva, era nossa professora, papai pagava para ela me ensinar, ensinava em sua própria casa, mim ensinou até a quarta série, ela ensinava bem, e era perto de onde a gente morava, estudava de meio dia, por que de manhã e a tarde ajudava meus pais, ela ensinava a um bocado de menino, não era só a mim não, a outras crianças também, mas meus irmãos não quiseram estudar. Sobre a escola do campo Molina (2012, p.326) nos diz que: “a concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação” Onde difere da escola frequentada por Dona Maria, pois os estudos naquela época nas comunidades eram de difícil acesso, e Dona Maria (82 anos) trabalhava de manhã e a tarde com seu pai para pagar os estudos, só tinha meio dia para ir estudar com a proprietária da terra que era a professora.

Era como se fosse escola de primeiras letras assim como ressalta SAVIANE (2005) que escolas de primeiras letras, geralmente eram mulheres com grau de estudo mais elevado que ensinavam crianças de diferentes faixas etárias em suas próprias casas.

Assim, passamos ao tópico seguinte, que traz um pouco do modo de vida no campo de algumas pessoas, que tem nas suas crenças um modo de ser e conceber a sociedade e o outro, constituindo sua identidade camponesa diferente de outras em outros lugares do campo do nosso

país, uma vez que sabemos que o campo é diverso com características próprias em cada região ou território do nosso país.

### **MINHA RELIGIÃO E MINHAS CONTRIBUIÇÕES.**

Eu sou católica e muito devota, acredito muito em Deus, antes a gente ia para outras casas rezar as novenas, não se tinha igrejas, hoje eu que faço as novenas na minha casa e a comunidade vem rezar, naquela época e agora sempre pedimos chuva a São José, dedicando o mês de Março a ele, minha filha ano passado roubou meu São José, pois quando rouba só devolve quando a chuva vem, Graças a Deus, teve essas chuvas, a gente precisa pedir a Deus por que é ele quem tem para dar, por que ele da saúde, dá tudo, já agora no mês de maio é dedicado a Maria, tem também o mês da campanha da fraternidade que vamos rezar nas casas.

Desde de 1976 que eu rezo, pois uma senhorinha que morava próximo rezava ai a gente ia pra casa dela, ela sempre rezava o terço, e quando ela morreu eu comprei o livrinho e fiquei rezando. Antigamente uma cunhada de minha mãe fazia as festas da comunidade, a gente cantava vários benditos.

Quando era mais nova era professora de catequese, ensinava a vários meninos, até hoje eles falam, ensinava lá no sitio boa esperança, funcionava todos os domingos o pessoal sempre perguntava quanto você ganha para ensinar essas crianças? e eu respondia nada, eu ensino por que gosto mesmo. Nem todo mundo tem a fé que eu tenho, pois tem muita gente que mora aqui e não vem nem pra novena, e antigamente o pessoal participava mais, nessa vizinhança todinha só tem eu que rezo, tinha uma velhinha ali no Barro Vermelho que rezava as novenas do mês de maio, mas ela faleceu, e ficou a filha dela morando lá, mas não continuou, eu sempre digo as minhas filhas quando eu morrer, não deixe de rezar as novenas.

Ela é muito devota, em sua casa existe um altar com imagens de santos, todas as noites as pessoas da comunidade vizinha vêm para a sua casa rezar a novena, essa tradição vem acontecendo desde 1976 que dura até os dias atuais. Ela pode passar por muitas dificuldades, mas não perde nunca sua fé, pois é o que dá forças para enfrentar os obstáculos dessa vida tão difícil. Para ela não importa as dificuldades que temos, pois quando se tem Deus e fé no coração tudo se resolve, mas devemos fazer nossa parte, sempre contribui com o que pode para as novenas e a fé não morrerem, pois essa tradição tão abençoada deve ser passada de geração em geração para que não seja esquecida.

Ela também passava seus ensinamentos para as crianças através da catequese, não só da sua comunidade, mas das comunidades vizinhas também, sempre transmitindo o pouco que sabe para assim não deixar acabar essa tradição de fé tão bonita de se vê e se sentir.

Hoje cedo um quartinho da minha casa para funcionar uma minibiblioteca que veio através da associação que temos aqui no sítio, através dela já conseguimos vários benefícios, minha filha é a presidente, ela está sempre em busca de melhorias para o nosso sítio.

Eu já ensinei no MOBREAL, passei seis dias em Natal em um estudo, era bom todo, nesse tempo a coordenadora era Lurdinha Guerra, passei pouco tempo ensinando, depois foi minha filha mais velha, funcionava em uma escola no sítio Tigre.

Ela sempre tenta ajudar o próximo com o que pode e através da Associação dos Produtores Rurais do Sítio Caroba vários benefícios surgiram para a sua comunidade como cisternas, poço, vacas, e agora uma minibiblioteca que funciona em um quartinho na casa da própria para que todos da comunidade se interesse pelo hábito da leitura, ela também ensinou o MOBREAL, era professora leiga e ensinava porque gostava, logo depois passou para sua filha que também era leiga. Arroyo (2005, p.366) nos trás alguns conceitos sobre as lutas dos camponeses na formação de professores do campo, onde

Os movimentos sociais constroem leituras de mundo, de sociedade, de ser humano, de campo, de direitos e de formação mais totalizantes, menos segmentadas por recortes. As matrizes em que eles se formam carregam esses processos totalizantes: o trabalho, a terra, a cultura, as experiências de opressão-libertação (ver Pedagogia do Oprimido). A concepção de educação-formação que os movimentos sociais vão construindo ao fundamentar-se nesses princípios-matrizes priorizam o direito à formação plena humana, politécnica, do trabalhador (ver Tempos Humanos de Formação). Neste contexto, encontra seu sentido mais radical na defesa de formação já não segmentada por áreas e articulando tempos presenciais e tempo de comunidade ou de inserção nos processos formativos do trabalho, da produção camponesa, da agricultura familiar (escolas família-pedagogia da alternância), da inserção nas lutas dos movimentos pela terra, pelos territórios, pela libertação. Incorporar essa história como objeto de conhecimento e de pesquisa dá outra densidade teórica aos currículos de formação. Há ainda uma motivação para resistir à fragmentação em que se estruturam os currículos de educação básica e de formação, quando pensamos a educação do campo e a formação de seus profissionais: o campo não se desenvolve na lógica fragmentada com que a racionalidade técnica recorta as cidades, na qual cada instituição e campo profissional é capacitado para dar conta de um recorte do social. No campo, nas formas produtivas em que os diversos povos se organizam, tudo é extremamente articulado. Os movimentos sociais agem e se estruturam nessa dinâmica produtiva, social, cultural.

Portanto, é possível conceber que cada etapa da história de vida de uma pessoa é permeada de relações, seja ela conflituosa ou harmoniosa, e os sujeitos constroem sua identidade a partir delas e dos contextos aos quais estão inseridos. E assim, também foi a identidade de Dona Maria – uma

nordestina arretada desse sertão chamado território do semiárido, aqui as pessoas se constroem e reconstroem no movimento da vida camponesa.

### **Considerações Finais**

Este trabalho teve uma grande contribuição para nossa vida acadêmica, onde nos proporcionou a ampliação dos conhecimentos, nos possibilitando em produzir um texto científico. Relacionando os saberes e a história de vida narrada com a Educação Rural e a Educação do Campo.

A contribuição ultrapassou o âmbito da formação acadêmica, passando para o âmbito da nossa formação humana e pessoal, pois tivemos a possibilidade de visitar locais, reviver histórias de outras pessoas experientes, adquirir experiências, conhecer culturas e costumes de épocas passadas, compreendendo um pouco do universo da vida camponesa, vendo o campo como um espaço de possibilidades e não de exploração. E que ainda, a luta pelos direitos no campo continua, e que a escola do campo precisa ser parte dessa, formando a classe trabalhadora no seu intelecto coletivo de direitos.

### **REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel G. **Formação de Educadores do Campo**, Dicionário de Educação do Campo, 2005, Rio de Janeiro.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BESSI, Vânia Gisele. GRISCI, Carmem Ligia. CERTEAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Latifúndio. In: CALDART, R. S. PEREIRA, I. B.

ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna. SÁ, Laís Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, R. S. PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira**. Campinas, 2005.

OLIVEIRA, Mary Carneiro P. Educação do Campo: Concepções, contribuições e contradições. *Revista Espaço Acadêmico*. Nº 140 ed. 2013.